

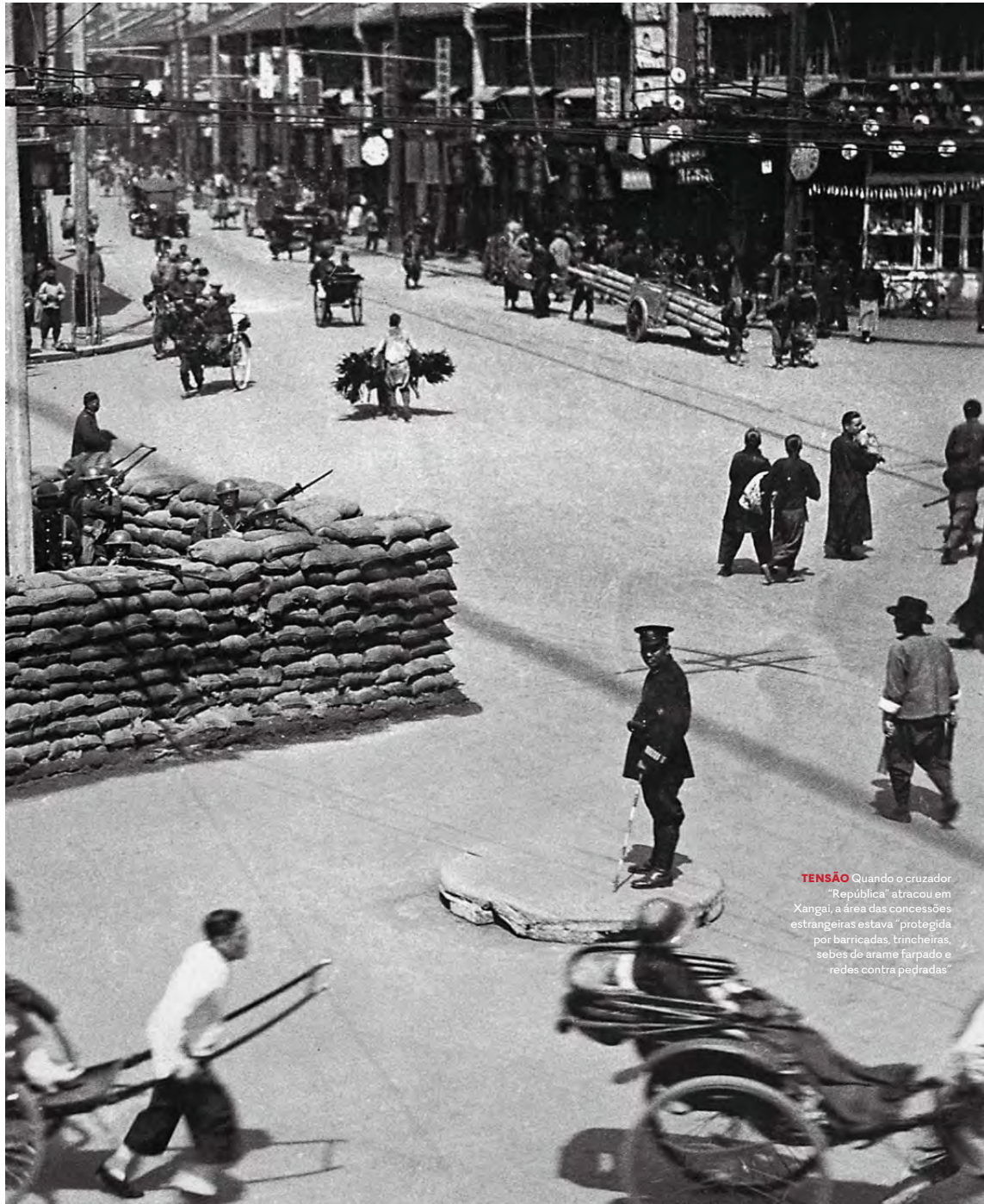


Xangai, 1927 O dia em que Portugal entrou na China

Parece ficção, mas aconteceu: tropas portuguesas desembarcaram em Xangai para defender os compatriotas que viviam na capital económica da China, a “Paris do Oriente” habitada por pessoas de 48 comunidades diferentes. A nacional, desconhecida em Portugal, era uma das maiores



TEXTO **ANTÓNIO CAEIRO** (JORNALISTA)
BOLSA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



TENSÃO Quando o cruzador "República" atracou em Xangai, a área das concessões estrangeiras estava "protegida por barricadas, trincheiras, sebes de arame farpado e redes contra pedradas"

“G

elados, encharcados e chapinhando lama”, dezenas de soldados portugueses desembarcaram em Xangai a 10 de março de 1927, “indo guarnecer trincheiras e redutos sem o menor abrigo”. O relato é do comodoro Guilherme Ivens Ferraz, comandante do cruzador “República”, um dos 63 navios de oito países destacadas para a defesa das concessões estrangeiras, cuja população incluía centenas de famílias portuguesas.

Naquele mesmo dia, em Portugal, a “influência soviética” na China dominava o noticiário internacional do “Diário de Lisboa”: “Moscou ameaça o mundo com o perigo chinês”, dizia o jornal. Mas sobre a missão do cruzador “República” ou a comunidade portuguesa de Xangai — nem uma palavra. Um dia depois, a cobertura do “Diário de Notícias”, periódico que reivindicava “a maior tiragem de todos os jornais portugueses”, era idêntica: destaque para “a penetração soviética no Celeste Império”, nada acerca do envolvimento militar português ou dos numerosos compatriotas que viviam em Xangai.

O historiador Alfredo Gomes Dias não ficou surpreso: “Mesmo em relação a Macau, que tinha um governador português, sabia-se muito pouco, quanto mais em relação aos portugueses de Xangai!” Nos próprios meios académicos esse desconhecimento manteve-se até 2012, quando Gomes Dias apresentou a sua tese sobre a diáspora macaense: “Na academia não havia ninguém que tivesse estudado este assunto.” Pedro Aires de Oliveira, antigo diretor do Centro de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, admite outra explicação: “Portugal estava solidário com as potências ocidentais, mas sabia que o nacionalismo chinês estava em ascensão e não queria evidenciar o seu envolvimento.”

Xangai era então uma das cidades mais cosmopolitas do mundo. Entre as 48 comunidades estrangeiras que lá viviam, a portuguesa era a sexta mais numerosa, a seguir aos japoneses, ingleses, russos, americanos e indianos. Radicados há várias gerações em Macau, os portugueses foram também dos primeiros estrangeiros a estabelecer-se em Xangai, em meados do século XIX, quando Grã-Bretanha obrigou a China a abrir a cidade ao comércio internacional.

Dos 157 nomes indicados na lista publicada em 1850 no primeiro número do jornal “North China Herald”, seis eram portugueses. Quatro décadas depois já ultrapassavam os 500 e em 1927 rondavam os 2000 ou mesmo 3000, como referia um jornal local. Superavam os franceses, que governavam

a zona entre a Concessão Internacional, administrada pelos ingleses, e a velha cidade chinesa.

OS PORTUGUESES DE XANGAI

O cônsul-geral de Portugal, Francisco de Paula Brito Júnior, dividia a comunidade em dois grupos: “os portugueses propriamente ditos” quase todos “empregados comerciais”, e os “sino-portugueses”, descritos como “chineses de Macau ou descendentes destes”, que em geral eram “negociantes”. Os primeiros (“portugueses, macaenses ou descendentes de macaenses”) representavam 73% do total. Os dois grupos viviam “sem qualquer contacto espiritual, moral, intelectual ou social”, salientava o diplomata.

Economicamente, Macau era um pequeno território, sem grandes oportunidades; Xangai, pelo contrário, tornara-se o maior porto comercial da Ásia. “Os empregos públicos em Macau eram escassos e destinavam-se, com raras exceções, a três dúzias de protegidos. Quase todo o funcionalismo vinha da metrópole”, escreveu Carlo Jacinto Machado, um advogado do território estabelecido em Xangai. Moisés Silva Fernandes, autor de mais de uma dezena de estudos sobre as relações luso-chinesas, diz que Xangai “chegou a ter mais macaenses do que Macau ou Hong Kong. Viviam entre três impérios e alguns falavam várias línguas”.

A missão do “República” — afirma o comandante José António Cervães Rodrigues — foi a maior operação do género realizada pela marinha portuguesa no Extremo Oriente. Mas quase um século depois, “mesmo dentro da Marinha é pouco conhecida”. Membro da Academia de Marinha, nascido em 1938, o capitão-de-mar-e-guerra Cervães Rodrigues conhece a história por dentro: o seu sogro, José Conceição da Rocha, fazia parte da guarnição



METRÓPOLE Além de uma das cidades mais cosmopolitas do

O apoio português, com efetivos do “República” e um destacamento de infantaria, um total de 106 homens, foi considerado “tão valioso como o de uma grande potência”

do “República”. Além de Portugal, participaram a Inglaterra, França, Estados Unidos, Japão, Holanda, Itália e Espanha.

O histórico cruzador — um navio de 81,6 metros de comprimento, equipado com cinco peças de artilharia e duas metralhadoras — largou de Lisboa em junho de 1925, numa “comissão urgente de serviço de soberania”. Primeiro destino, depois de “29 dias e 12 horas de viagem”, com escalas em Malta, Port Said, Aden, Colombo e Singapura — Macau. Situada no delta do Rio das Pérolas, a cerca de 70 quilómetros de Hong Kong e a 150 de Cantão, aquela pequena colónia era a base das Forças Navais Portuguesas no Oriente, cujo comando foi entregue ao comodoro Ivens Ferraz. Além do “República”, as referidas Forças englobavam a canhoeira “Pátria”, uma lanca-canhoeira, duas vedetas-torpedeiras e 11 lanchas da Polícia Marítima.

Em janeiro de 1926, “alarmado” com a crescente agitação nacionalista, o cônsul de Portugal em Xangai pediu a “vinda imediata” do “República”. Macau pode “dispensar o cruzador”, concordou o governador do território, Artur Tamagnini Barbosa. Mas só mais de um ano depois o navio rumaria a Xangai, cerca de 1300 quilómetros a norte de Hong Kong. Apesar da longa estada na costa chinesa, a tripulação estava mal equipada para o clima de Xangai, com temperaturas de três graus negativos no inverno. Num minucioso livro publicado cinco anos mais



mundo, Xangai era também a “capital asiática do jazz”. Havia centenas de cabarets e salões de baile

tarde pelo Ministério da Marinha, Ivens Ferraz conta que teve de mandar fazer “capotes de agasalho para as sentinelas e praças do destacamento da marinha em terra” e, “por conta do consulado de Portugal”, encomendou também “uniformes de mescla grossa” para os soldados que vinham a bordo e que “traziam apenas ligeiros fatos de caqui”.

Outra grande surpresa: entre os portugueses mais novos eram “raros” os que sabiam falar português. “Educados em escolas inglesas e empregados em casas inglesas, na quase totalidade, não têm necessidade de falar o português, sendo muito provável que dentro de alguns anos a nossa língua, hoje quase só falada pelos velhos, desapareça por completo em Xangai”, assinalou o comandante do “República”. Ivens Ferraz não foi, contudo, o primeiro oficial português enviado a Xangai: o general Manuel Gomes da Costa tinha lá estado quatro anos antes, no âmbito de uma “inspeção extraordinária às colônias do Oriente”. Ao regressar a Lisboa, declarou que os portugueses radicados em Hong Kong, Macau e Xangai estavam “completamente abandonados pela Metrôpole”. Um jornalista perguntou-lhe se iria apresentar um relatório. “Não apresento nada. Para quê?”, respondeu o futuro líder militar do golpe de estado do 28 de maio de 1926. “Ninguém o lê, ninguém faz caso de relatórios.”

As duas semanas que Gomes da Costa passou em Xangai foram bastante animadas. “Tanta tem

sido a festa que nem sei bem onde tenho a cabeça”, desabafou o general numa carta para o governador de Macau, Rodrigo José Rodrigues, datada de 10 junho de 1923.

A DEFESA EXTERIOR DAS CONCESSÕES ESTRANGEIRAS

Quando o “República” atraiu o ambiente em Xangai não era propriamente de festa. A área das concessões estrangeiras estava “toda protegida por barricadas, trincheiras, sebes de arame farpado e redes contra pedradas”. O regime político em Portugal, entretanto, mudou, vigorando agora uma ditadura militar, com censura prévia à imprensa. Nos novos ministérios ainda se lembrariam que um navio da marinha portuguesa estava envolvido numa “missão de soberania” na longínqua China, ao lado de tropas de mais sete países, e que um oficial português participava nas reuniões do comando daquela força multinacional?

“A minha situação nestas conferências é um pouco delicada, não só por falta de quaisquer instruções especiais do Governo sobre a atitude mais conveniente, como também porque, embora tenha as honras de comodoro, comando a mais insignificante força naval representada em Xangai”, escreveu o comandante do “República”. Chegado a Xangai, o contingente português foi destacado para a “defesa exterior das concessões”, informou o cônsul Paula Brito.

No conjunto, a Concessão Francesa e a Concessão Internacional ocupavam uma área de cerca de 33 quilómetros quadrados, o equivalente a um terço do atual concelho de Lisboa. Eram cidades independentes, com um governo próprio, uma força de polícia autónoma e até uma força militar, denominada Shanghai Volontiers Corps (Corpo de Voluntários de Xangai). Um crachá da unidade — uma estrela octogonal com as bandeiras da Grã-Bretanha, Portugal e dez outros países — está exposto na casa onde decorreu o 1º congresso do Partido Comunista Chinês, em julho de 1921. É um símbolo da “humilhação nacional” infligida pelas “potências ocidentais” após a Guerra do Ópio (1839-42), que “reduziu gradualmente a China a uma sociedade semicolonial e semifeudal”.

Os estrangeiros, que viviam segundo as leis dos respetivos países, fora da alçada dos tribunais locais, tinham o fim dos seus privilégios. “Foi declarada greve geral reinando maior terror”, telegrafou o cônsul Paula Brito a 22 de março de 1927. Em Portugal o Diário de Notícias anunciava: “As tropas vermelhas estão às portas de Xangai (...). A situação piora de momento a momento.” Dias antes, em Nanjing, tropas do novo Exército Nacional Revolucionário mataram sete estrangeiros, entre os quais dois padres jesuítas, e saquearam as suas casas. (Havia uma família portuguesa residente naquela cidade, mas segundo Paula Brito, saiu na véspera dos incidentes.)

Xangai e as províncias em redor eram dominadas por um dos “senhores da guerra” que retalharam o país após a queda do último imperador, em março de 1912. Quinze anos depois, a China continuava sem um governo central, mas o Exército Nacional Revolucionário, criado em Cantão com a ajuda de conselheiros soviéticos e comandado pelo general Chiang Kaishek, estava a avançar pela China dentro, tentando unificar o país.

Além da Polícia e do Corpo de Voluntários, com 15 mil e 1600 homens, respetivamente, a defesa das concessões contava com cerca de 20 mil tropas regulares, a maioria das quais inglesas. O contingente português era constituído por efetivos do cruzador “República” e um destacamento de infantaria, no total de 106 homens. Embora fosse “a força mais insignificante” da coligação internacional, o comandante das tropas estrangeiras, o major-general inglês John Duncan, considerou o apoio português “tão valioso como o de uma grande potência”, relatou Ivens Ferraz. No terreno estavam também 130 efetivos da Companhia Portuguesa do Corpo de Voluntários de Xangai.

UMA NOVA GUERRA CIVIL

Nacionalistas e comunistas juntaram forças numa “frente unida”, mas na retaguarda as estratégias divergiam. Enquanto as tropas de Chiang Kaishek avançavam sobre Xangai, os sindicatos preparavam uma insurreição armada. Mais de meio milhão de trabalhadores aderiram à greve geral. Milícias operárias ocuparam as esquadras da polícia. “Foi estabelecido regime comunista na parte chinesa de Xangai”, informou o cônsul português. Sem nunca mencionar a greve geral, o “Diário de Notícias” anunciou “a queda de Xangai”. Segundo o jornal, os vencedores entregavam-se “ao rubro e ao massacre” e “algumas mulheres que ficaram em casa



estão completamente nus pois os soldados que andam ao saque levam tudo”.

Junto às concessões internacionais — adiantou o cônsul português — houve “escaramuças” que causaram “mortes e ferimentos” entre alguns soldados ingleses e policiais internacionais. “Embora a custo, as tropas europeias mantêm em respeito a legião de facinoras”, afirmou o “Diário de Notícias”. O “Diário de Lisboa” e o “Diário de Notícias” disseram que havia uma mulher portuguesa ferida, mas não identificaram a vítima nem citam a fonte da informação. O telegrama do cônsul Paula Brito para o MNE era mais tranquilizador — “pessoal cruzador República, tropas em terra, voluntários e colônia portuguesa estão bem”.

O contingente português instalou o quartel-general no Clube Lusitano, a mais conhecida associação portuguesa da cidade. Foi lá também que se refugiaram muitas pessoas que viviam fora da Concessão Internacional, “entre elas quase todos os portugueses” residentes na zona de Hongkai e “muitos russos brancos”, “não reconhecidos” pelo Consulado Soviético.

Num recente estudo sobre “a rica vida dos estrangeiros em Xangai de 1840 a 1950”, o historiador e diplomata sérvio Nead Djordjevic refere que “nos anos 20, os portugueses tinham mais de 50 associações e clubes com centenas de membros”, enquanto os espanhóis, por exemplo, tinham apenas dois. Além de “organizar a recepção do Dia de Portugal e outros importantes eventos”, o Lusitano era “famoso pelos seus bailes, carnavais e festas infantis” e tinha ainda “uma secção desportiva de sucesso”, salienta Djordjevic. (Anos mais tarde, o Lusitano venceria mesmo o campeonato local de futebol, quebrando a habitual hegemonia inglesa.)

A 3 de abril, a greve geral já tinha acabado: “Situação tendendo para a normalidade dentro da concessão”, relatou o cônsul português. Na visão comunista, a greve geral e a insurreição armada culminariam “um movimento revolucionário sem precedentes na história moderna da China”, visando “derrubar as grandes potências e eliminar os senhores da guerra”. Aconteceu o contrário: Chiang

Kaishek, líder da chamada facção de direita do Partido Nacionalista, rompeu com os comunistas, que passaria a tratar por “bandidos vermelhos”, e na madrugada de 12 de abril, com o apoio da máfia local, liquidou a insurreição.

“As cinco horas, acordámos a bordo ao barulho de um nutrido tiroteio de carabinas e metralhadoras (...) ouvia-se intensa fuzilaria, o que durou até cerca das sete horas”, anotou o comodoro Ivens Ferraz. “Soube-se depois que Chiang Kaishek, com os operários fiéis ao Partido Nacionalista, tinha resolvido dar uma batida a todos os coios comunistas na parte de Xangai sujeita à administração chinesa.”

Entre os portugueses mais novos eram “raros” os que sabiam falar português. “É muito provável que dentro de alguns anos a nossa língua desapareça em Xangai”, assinalou o comandante do “República”

Não foi bem assim: quem eliminou à queima-roupa dezenas de militantes comunistas e desarmou as milícias operárias foram os homens de Du Yuesheng, patrão de uma vasta rede de bordéis e casas de ópio. Na Concessão Francesa, onde vivia, toda a gente o conhecia, e temia. O “toda a gente” incluía o chefe da polícia local, francês, e alguns oficiais ligados a Chiang Kaishek. Esmagada a “Comuna de Xangai”, Du Yuesheng seria compensado com um cargo institucional especialmente importante para os seus negócios: presidente do Diretório Nacional para a Eliminação do Ópio.

“Chegaram as horas más para os comunistas”, proclamou o “Diário de Notícias” a 14 de abril. “Depois das medidas tomadas por Chiang Kai-shek a situação em Xangai tem melhorado”, noticiou o “Diário de Lisboa”. Para o Partido Comunista Chinês, o balanço daquela noite e da repressão que se seguiu foi trágico: mais de 5 mil mortos. Li Dazhao, um dos fundadores do partido, seria preso em Pequim e enforcado. A guerra civil chinesa iria continuar, mas longe de Xangai. As manifestações do 1º de Maio “decorreram com a maior ordem”, anotou Ivens Ferraz. “O centro da tempestade que assola a China a ferro e fogo deslocou-se mais para o norte.”

A CAPITAL ASIÁTICA DO JAZZ

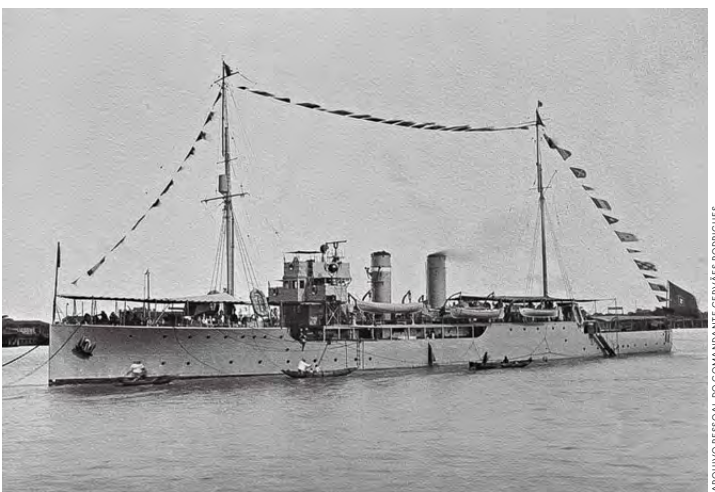
Chiang Kaishek instalou a sede do seu governo em Nanjing, mas cultural e economicamente, Xangai continuava a ser a capital da China. Alguns dos mais aclamados escritores chineses da primeira metade do século, como Lu Xun, Mu Shiyqing, Guo Moruo, Mao Dun, Ba Jin, Ding Ling, Eillen Chang ou Shen Congwen, estão intimamente associados a Xangai. Mais de 80% de todas as editoras chinesas estavam sediadas na cidade. Havia centenas de revistas e jornais.

Xangai era também a “capital asiática do jazz”. “Sem o jazz, Xangai não seria Xangai”, escreveu um jornalista do “New York Times” em 1922, o ano em que a Whitey Smith Orchestra, uma banda originária da Califórnia, se instalou na grande metrópole chinesa. Havia centenas de cabarets e salões de baile. O jazz era “o ritmo de Xangai”, dizia a publicidade da época, e segundo a romancista Pearl Buck,



BAIXAS Nacionalistas e comunistas juntaram forças numa “frente unida”, mas na retaguarda as estratégias divergiam. Junto às concessões internacionais houve “escaramuças” que causaram “mortes e ferimentos” entre alguns soldados ingleses e policiais internacionais

DESPEDIDA O “República” zarpará a 11 de julho, sendo rendido pelo cruzador “Adamastor”. Na véspera da partida deste, a guarnição desfilou no centro de Xangai com os tripulantes do “Adamastor” e a Companhia de Voluntários Portugueses



ARQUIVO PESSOAL DO COMANDANTE CERVÃES RODRIGUES

a Orquestra de Whitey Smith “ensinou os chineses a dançar”. Um dos músicos de Whitey Smith contratado localmente era português. Numa foto da orquestra publicada em dezembro de 1926 num jornal americano de Xangai (“The China Post”) lá está Arthur Carneiro — “They are all here, Whitey and his gang”. Tinha 21 anos.

Neto de um soldado do distrito de Coimbra enviado para Macau em 1874, Artur José dos Santos Carneiro nasceu, cresceu e iniciou a carreira musical em Xangai. Era o mais velho de cinco irmãos. Estudou Engenharia Civil na Universidade Aurora, fundada pelos jesuítas, “mas a contragosto”, conta o filho, o ex-ministro da Educação Roberto Carneiro. “A sua grande paixão, que condiciona toda a sua vida, é a música”. No Conservatório de Xangai, onde teve aulas com um reputado violinista e pedagogo russo, o seu instrumento preferido era o violino. Depois descobriu o saxofone, o trompete e o clarinete. No total “tocava 14 instrumentos, incluindo o pesado acordeão de teclas”, diz Roberto Carneiro.

Integrado na Whitey Smith Orchestra ou com a sua Art Carneiro Band, o pai do antigo ministro tocou nos locais mais famosos de Xangai, desde o Magestic ao Cathay Hotel (atual Fairmont Peace Hotel), junto ao Bund, a imponente marginal de Xangai onde Steven Spielberg rodaria algumas sequências do filme “Império do Sol”. O romancista australiano Brian Castro, professor jubulado de Escrita Criativa da Universidade de Adelaide, também é filho de um português de Xangai. “Toda a gente dançava”, diz o personagem de um dos seus livros. O pai do romancista, Alberto José Maria Castro, dançava e fazia dançar: tocava piano no Clube Lusitano.

UMA “MISSÃO FELIZ”

“Havia muitas festas”, recordaria o segundo-tenente José Conceição da Rocha ao seu genro, comandante Cervães Rodrigues. Esmagada a insurreição comunista, “o ambiente ficou mais aliviado”. O segundo-tenente José Conceição da Rocha era um dos onze oficiais do “República”. E quando evocava aquela essa missão salientava sempre “a forma principesca como a comunidade portuguesa recebeu a tripulação”.

Ivens Ferraz também realça isso nos seus relatos: “As senhoras portuguesas têm sido da mais cativante gentileza para com os soldados e marinheiros portugueses, oferecendo-lhes tabaco e bolos no aquartelamento e distribuindo-lhes chá e sandwiches nos postos e nas trincheiras.” Para “distrair” as tropas, a Associação das Senhoras Portuguesas de Xangai organizou mesmo “dois saraus com música, bailados, ligeiras comédias e até com o fado português, cantado por raparigas que nunca o tinham ouvido em Portugal”. Durante a estada em Xangai Ivens Ferraz não recebeu “instruções especiais” de Lisboa, nem verba para “despesas de representação”: pagou do

seu bolso “a receção de despedida” oferecida à comunidade portuguesa. Foi no Astor House, um dos mais conhecidos hotéis da cidade, onde funcionava a Bolsa e onde esteve alojado o general Gomes da Costa.

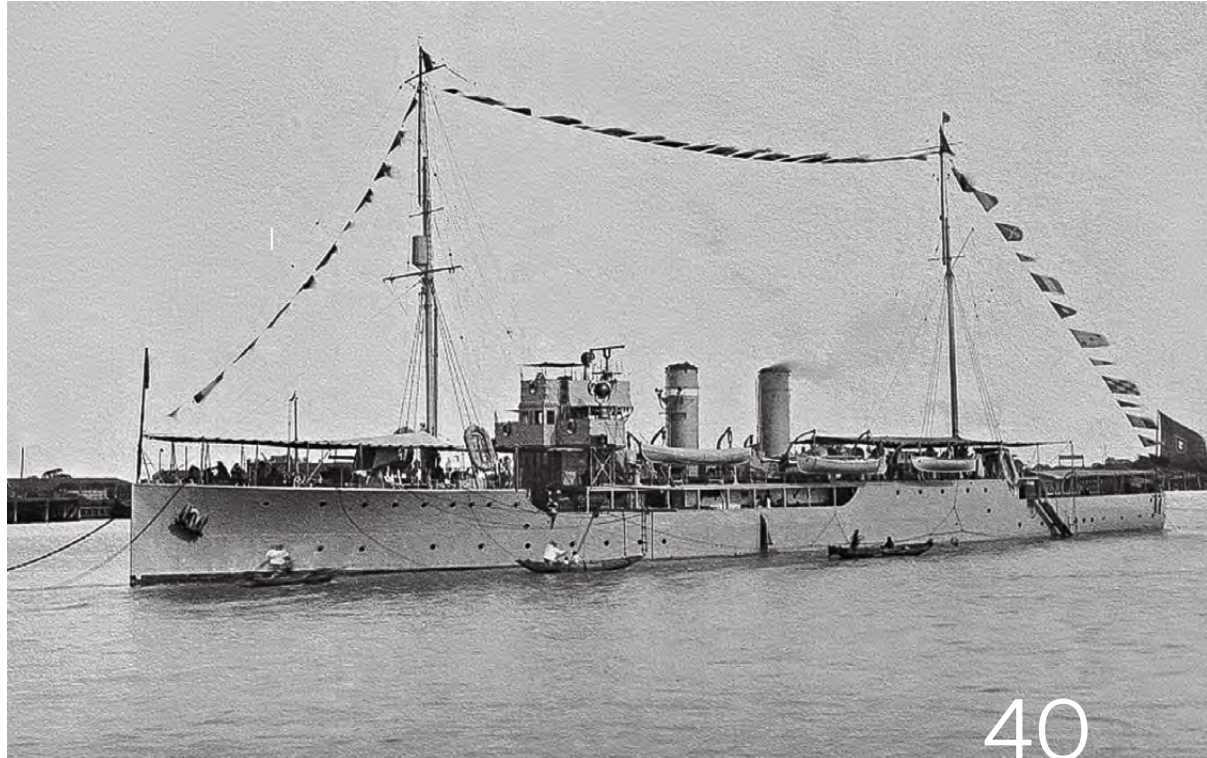
Dois dias depois houve nova festa, desta vez “um chá-dançante”, organizada pelo Consulado-geral de Portugal no “sumptuoso salão de baile do Magestic Hotel”, o mesmo local onde cinco meses mais tarde Chiang Kai-shek celebraria o casamento com Soong Mei-ling. “Reuniram-se ali para cima de trezentas pessoas, distinguindo-se as lindas portuguesas pela elegância das suas *toilettes*, em preciosas sedas de fabricação local, a contrastarem com as cores vivas das luzes girantes”. E como seria de esperar, “dançou-se com entusiástica animação, apenas obscurecida por um ou outro pensamento de saudade”.

O “República” zarpará a 11 de julho, sendo rendido pelo cruzador “Adamastor”, comandado pelo capitão de fragata Jorge Parry Pereira. “Houve outros navios da força multinacional que já tinham saído”, diz o comandante Cervães Rodrigues. “Estava-se numa fase de desmobilização.”

Na véspera da partida, a guarnição desfilou no centro de Xangai com os tripulantes do “Adamastor” e a Companhia de Voluntários Portugueses: “Um desfile magnífico, com a assistência de milhares de espectadores, incluindo quase toda a comunidade portuguesa”, escreveu Ivens Ferraz. Já de regresso a Lisboa, fez uma escala em Singapura, onde recebeu um telegrama do ministro da Marinha informando-o da sua promoção a contra-almirante.

Foi “uma missão feliz”, diria Cervães Rodrigues. “Não tiveram baixas, nem dispararam um tiro, a não ser em exercícios. Houve algumas situações de risco, mas nunca estiveram debaixo de fogo.” A comunidade portuguesa não poderá dizer o mesmo. Em agosto de 1937, o Japão invadiu Xangai, impulsionando a fuga de centenas de portugueses. Os combates prolongaram-se por três meses — a mais longa batalha da “Guerra de Resistência contra o Japão”, que durou oito anos. Para os portugueses que lá viviam foi o início de um novo êxodo. ●

Esmagada a insurreição comunista, “o ambiente ficou mais aliviado” e “havia muitas festas”. Organizaram-se dois saraus com música, bailados, ligeiras comédias e até se ouviu o fado português



ARQUIVO PESSOAL DO COMANDANTE CERVALES RODRIGUES

40

Xangai, 1927

Tropas portuguesas desembarcaram em Xangai para defender os compatriotas que viviam na capital económica da China. A comunidade portuguesa na "Paris do Oriente" era uma das maiores